

## Scientific Electronic Archives

Issue ID: Sci. Elec. Arch. Vol. 18 (1)

January/February 2025

DOI: <http://dx.doi.org/10.36560/18120252010>

Article link: <https://sea.ufr.edu.br/SEA/article/view/2010>



# Exame preventivo de rastreio de câncer de colo do útero e suas incidências antes, durante e depois da pandemia

## Preventive cervical cancer screening exam and its incidence before, during and after the pandemic

**Letícia Nascimento Barbosa**

Universidade Estadual de Montes Claros

*Corresponding author*

**Ana Carolina Tavares Martins**

Faculdade Atenas - campus Sete Lagoas

[carolmartyns1995@gmail.com](mailto:carolmartyns1995@gmail.com)

**Mateus Gonçalves de Paula**

Universidade Federal de Mato Grosso

**Resumo.** O câncer de colo de útero continua sendo uma das principais causas de mortalidade feminina, sendo amplamente prevenível por meio do exame citopatológico do colo do útero, conhecido como Papanicolaou. Este estudo avalia o impacto da pandemia de COVID-19 nas taxas de rastreamento para câncer de colo de útero no Brasil, utilizando dados do DATASUS de 2018 a 2024. Os resultados revelam uma redução dramática de 70% nos exames durante o pico da pandemia em 2020, atribuída às restrições de saúde e ao distanciamento social. Embora tenha havido uma recuperação parcial nos anos seguintes, as taxas de rastreamento ainda não retornaram aos níveis anteriores à pandemia. A persistente queda nos exames ressalta a necessidade de estratégias de prevenção aprimoradas e campanhas de saúde pública sustentadas para promover o rastreamento contínuo. A detecção precoce do câncer de colo de útero é crucial para uma gestão eficaz da doença, tornando essencial abordar o impacto duradouro da pandemia na saúde das mulheres.

**Palavras-chaves:** patologia, epidemiologia, diagnóstico, métodos de prevenção, tratamento pós pandemia.

**Abstract.** Cervical cancer remains a leading cause of female mortality and is largely preventable through cervical cytology screening, known as the Pap test. This study evaluates the impact of the COVID-19 pandemic on cervical cancer screening rates in Brazil, using DATASUS data from 2018 to 2024. The results reveal a dramatic 70% reduction in screenings during the pandemic's peak in 2020, attributed to health restrictions and social distancing measures. Although there has been partial recovery in subsequent years, screening rates have not returned to pre-pandemic levels. The ongoing decline in screenings underscores the urgent need for enhanced prevention strategies and sustained public health campaigns to encourage continuous screening. Early detection of cervical cancer is crucial for effective disease management, highlighting the importance of addressing the lasting impact of the pandemic on women's health.

**Keyword:** Pathology, Epidemiology, Diagnosis, How prevention is done ou How prevention is carried out, Post-pandemic treatment.

### Introdução

O termo câncer abrange mais de 100 tipos de doenças que cursam com replicação desordenada de células por vários órgãos, formando tumores que podem se espalhar para diversas partes do corpo, variando em prognóstico e evolução. Seus variados tipos são

classificados pela proliferação exacerbada de diferentes tipos de células. (INCA 2019; SATURNINO 2023).

O câncer de colo de útero é o crescimento de células de forma desarranjada na região que sucede o intraútero, tendo potencial de alcançar outros tecidos que os permeiam. Seu principal

agente desencadeante é o Papiloma Vírus Humano (HPV), que penetra no tecido epitelial do colo do útero e gera lesões que são potencialmente cancerígenas. O principal meio de infecção é por via sexual, sendo responsável por mais de 70% dos casos. (BARROS 2020; SATURNINO 2023).

De acordo com estudos, o câncer de colo de útero é a segunda neoplasia mais presente em mulheres por todo o mundo, ocupando, no Brasil, a terceira posição, sendo responsável por mais de 200 mil mortes de mulheres ao ano. Tem maior prevalência na região norte do país, seguido pela região centro-oeste e norte, sendo sul e sudeste no terceiro e quarto, respectivamente. A maior incidência é na faixa etária de 20 a 29 anos e seu risco aumentado entre 45 a 49 anos. (DE SOUZA 2021).

O rastreamento para a população feminina é feito por meio do exame citológico do colo do útero, também conhecido como Papanicolau, e tem sido uma das principais estratégias públicas, segura e de baixo custo para detecção precoce do câncer. (ARAÚJO, 2020).

Quando os recursos diagnósticos são limitados, o estadiamento é clínico e baseado no exame físico, além de procedimentos diagnósticos endoscópicos (exame sob anestesia, proctoscopia, cistoscopia, histeroscopia) e estudos básicos de imagem (radiografia de tórax e pielografia intravenosa). Já quando existem recursos diversos, o estadiamento pode ser adicionalmente baseado em uma lista expandida de estudos de imagem (tomografia computadorizada, ressonância magnética e tomografia por emissão de pósitrons) e achados patológicos (VALÉRIO, 2022).

Na atualidade existe uma gama de tratamentos para o câncer do colo do útero. Dentre eles, a cirurgia, a quimioterapia e a radioterapia. O estadiamento da doença, tamanho do tumor e fatores individuais, como por exemplo, a idade da paciente e o desejo reprodutivo, vão determinar qual será o tratamento de escolha.

A quimioterapia é um dos tipos mais comuns de tratamento de câncer, em que são utilizados medicamentos para extinguir as células cancerígenas. As substâncias chegam a corrente sanguínea, chegando em todo o corpo, não só destruindo células cancerígenas, como também evitando sua disseminação.

Devido à alta incidência de CCU no Brasil é importante descrever os principais tratamentos desta condição, principais técnicas praticadas por clínicos para que se chegue à tomada de decisão sobre a terapêutica mais adequada. (DE MENDONÇA, 2022).

Na atualidade, é perceptível que a crise mundial causada pela pandemia relacionada à infecção pelo coronavírus (Covid-19), ainda impacta as condições de saúde da população. Esta condição já não está mais nos holofotes como grande ameaçadora à vida, devido a estudos mundiais, esforços de profissionais de saúde e o

desenvolvimento da vacina.

Todavia, à época, várias estratégias foram utilizadas para barrar a disseminação do COVID-19. Dentre essas, observa-se a suspensão da realização de consultas e procedimentos eletivos, impactando diretamente na realização do exame de Papanicolau seguindo a periodicidade determinada para rastreamento do câncer de colo de útero.

Desse modo, a redução da coleta do exame citopatológico no contexto da pandemia pode ocasionar um número ineficaz das buscas aos serviços de saúde para realização do procedimento e comprometer diretamente a saúde da mulher.

Diante dessa nova realidade, buscou-se analisar as repercussões da infecção pelo COVID-19 no número de coletas de material citopatológico de colo de útero no Brasil. (MILITÃO, 2021).

Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi analisar o perfil comportamental de rastreio de câncer de colo de útero por meio do exame citopatológico, antes, durante e depois da pandemia.

## Métodos

Esse estudo é do tipo ecológico retrospectivo com abordagem censitária e temporal. Analisaram-se dados quantitativos do Brasil, e por cada região do país. Os dados foram obtidos através do portal DATASUS TABNET.

A busca foi realizada através do sistema de avaliação de procedimentos ambulatoriais, com seleção das regiões do Brasil e do período - entre os anos de 2018 a 2024. Após, optou-se por filtrar o procedimento número 0201020033 denominado Coleta de Material do Colo de Útero para Exame Citopatológico, por um período de janeiro de 2018 a junho de 2024.

A população pesquisada foram todas as pessoas que realizaram o exame citopatológico entre janeiro de 2018 à junho de 2024. Os dados foram levantados

no dia 08/08/2024. A partir dos dados foi gerado uma tabela com todos os exames realizados.

Ao coletar os dados não foram excluídas nenhuma das informações, como citologia anterior, nível de escolaridade, motivo do exame, inspeção do colo e o ano de resultado, abrangendo a categoria por completo.

De acordo com a resolução N. 510/2016, as pesquisas que utilizam dados

## Resultados

No Brasil a prevalência do câncer de colo de útero permanece alta em relação a outros países. Observa-se grande desigualdade entre os diagnósticos em todo o país, sendo algumas regiões com maior porcentagem de rastreamento. Outros estudos também apontam que o Brasil não bateu a meta de rastreamento para esse câncer nos últimos três anos (CERQUEIRA, 2023).

Para que diminua o número de casos de

câncer de colo de útero deve aumentar o número de exames de rastreamento (CERQUEIRA, 2023).

**Tabela 1.** Número de exames citopatológicos de colo de útero realizados no período de janeiro de 2018 a junho de 2024.

Região	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
Total	10.404.330	8.201.100	2.718.177	2.878.896	3.909.740	3.143.284	1.574.271
Sudeste	5.643.035	5.138.635	1.261.288	1.307.762	1.694.322	1.866.201	1305.981
Sul	1.508.231	1.717.877	1.060.395	818.007	1.465.400	821.362	305.981
Nordeste	1.569.125	783.897	236.727	261.244	226.159	222.421	100.534
Centro-oeste	594.449	429.542	104.163	137.127	465.543	170.774	67.489
Norte	1.089.490	131.149	55.604	354.756	58.316	62.526	67.489

O exame citopatológico do colo uterino é o principal exame de rastreamento para câncer de colo de útero, sendo um exame de fácil acesso, pois é ofertado

em unidades de saúde que são porta aberta para a população. (SATURNINO, 2023). Todavia, ao analisar a tabela 1 observa-se um decréscimo nos números de exames realizados no Brasil a cada ano a partir de 2018. Tem-se aproximadamente uma redução de 25% de exames do ano de 2018 para o ano de 2019.

Ao comparar o ano de 2019 com 2020 esse percentual é ainda maior. Calcula-se aproximadamente uma redução de 70%. Visto que no ano de 2020 iniciou-se a pandemia por COVID-19, na qual o acesso à saúde primária ficou mais restrita por precauções para reduzir a transmissão do vírus. No ano de 2021, quando ainda não tinha cobertura vacinal para a população, manteve-se quase o mesmo percentual de exames realizados, com registro de aproximadamente 150 000 a mais que o ano anterior.(SATURNINO, 2023).

Estudos mostram que desde 2014 o Brasil vem registrando aumentos nos números de rastreios de câncer de colo de útero, após isso com o acontecimento da pandemia houve uma redução na realização dos exames. (SATURNINO, 2023). A partir da cobertura vacinal que teve maior número de pessoas em 2022, iniciou um decréscimo nos casos de mortalidade pela COVID 19. (MOURA, 2021). Apesar de aumentar significativamente a cobertura vacinal em 2022 e ter uma redução considerável de mortes, ainda não houveram aumentos no rastreamento do câncer de colo de útero, pois o número de exames realizados em 2022 é superior ao ano de 2023. O ano de 2022 em relação ao ano de 2021 aumentou cerca de 25%, porém esse aumento não foi constante.

Ao analisar todas as regiões, elas mantêm o mesmo comportamento do Brasil, apresenta um crescimento, mas nos anos de pandemia e pós pandemia mostra-se uma queda considerável de número de exames, e após isso mesmo com a cobertura vacinal as regiões do Brasil não apresentam um crescimento considerável.

### Conclusão

O rastreamento do câncer de colo de útero

é realizado por meio do exame citopatológico do colo do útero, com o objetivo de diagnosticar a doença precocemente, aumentando as chances de cura e reduzindo a morbidade e a progressão da doença. No entanto, a manutenção dos baixos números de exames realizados após a pandemia, em comparação com períodos anteriores e durante a pandemia, indica um prejuízo significativo nas ações preventivas.

Mesmo após o levantamento das restrições, os números de rastreamento não alcançaram níveis anteriores a 2018. Isso demonstra uma situação potencialmente prejudicial à saúde feminina, evidenciando a necessidade de reforçar campanhas de prevenção para o diagnóstico precoce dessa grave patologia. O câncer do colo do útero é potencialmente curável se diagnosticado a tempo, mas a falta de rastreamento adequado pode levar a diagnósticos tardios, aumentando a necessidade de cirurgias e a complexidade do tratamento, além de elevar a morbidade das pacientes.

Portanto, é essencial intensificar as campanhas de prevenção e manter um enfoque preventivo contínuo, mesmo no cenário pós-pandêmico, para assegurar que o rastreamento do câncer de colo de útero seja realizado de forma eficaz.

### Referências

ARAÚJO, Karina Sebastiana Macedo et al. RASTREIO E DIAGNÓSTICO DE LESÕES PRECURSORAS DO CANCER DE COLO DO ÚTERO EM MULHERES EM IDADE REPRODUTIVA NO HOSPITAL DR. RAFAEL ZAMORA ARÉVALO. Revista Multidisciplinar em Saúde, v. 1, n. 3, p. 69-69, 2020.

BARROS, Ângela Maria Melo Sá et al. Perfil epidemiológico dos casos de câncer do colo uterino no estado de Sergipe. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 15, n. 4, p. e10043-e10043, 2022.

CERQUEIRA, Raisa Santos et al. Controle do câncer do colo do útero na atenção primária à saúde em países sul-americanos: revisão sistemática. Revista Panamericana de Salud Pública, v. 46, p. e107, 2023.

DE MENDONÇA, Emanuela Cavalcante et al. Tratamento do câncer do colo do útero no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS): revisão sistemática. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 16, p. e314111638421-e314111638421, 2022.

DE SOUZA, Daniele Andrade; DE OLIVEIRA COSTA, Marli. O papel do enfermeiro na prevenção do câncer no colo de útero. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 13, p. e137101321040-e137101321040, 2021.

MILITÃO, Bruno Vítor Peixoto et al. Repercussões da pandemia de Sars-Cov-2 na realização do exame de Papanicolaou: um estudo epidemiológico. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 13, n. 9, p. e8869-e8869, 2021.

MOURA, Eryl Catarina et al. Covid-19: evolução temporal e imunização nas três ondas epidemiológicas, Brasil, 2020–2022. *Revista de Saúde Pública*, v. 56, p. 105, 2022.

SATURNINO, Aline de Fátima Rodrigues et al. O papanicolau como exame de rastreio do câncer de colo de útero e suas implicações na pandemia. *Scientific Electronic Archives*, v. 16, n. 9, 2023.

Parâmetros técnicos para o rastreamento do câncer do colo do útero / Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva; Maria Beatriz Kneipp Dias; Caroline Madalena Ribeiro (organizadores). - Rio de Janeiro: Inca, 2019.

VALÉRIO, Marcela Pugas et al. Câncer de colo de útero: do diagnóstico ao tratamento/Cervical Cancer: From Diagnosis to Treatment. *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 3, p. 20235-20241, 2022.